

## A MORTE (E VIDA?) DISCURSIVIZADA EM NÚMEROS: A DISPUTA DE SENTIDOS SOBRE A PANDEMIA EM/NAS REDES DIGITAIS

### DEATH (AND LIFE?) DISCUSSED IN NUMBERS: THE DISPUTE OF MEANINGS ABOUT THE PANDEMIC ON DIGITAL NETWORKS

Lucinéia Oliveira<sup>1</sup>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes<sup>2</sup>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

**Resumo:** A Covid-19 foi considerada pela OMS como o maior problema de saúde pública do mundo atual, tendo causado mais de cinco milhões de mortes até 2022. A mídia corria incessantemente para divulgar as notícias e atualizar os dados numéricos. Assim, este estudo objetiva analisar discursivamente os registros dos 100 mil mortos pela Covid-19, no Brasil. Para o *corpus*, coletamos seis recortes de notícias dos sites G1, Uol, EBC e Ministério da Saúde. A análise mostra uma disputa e divisão de sentidos entre o discurso jornalístico – que destaca especialmente as mortes, e o discurso governista, que destaca o número de recuperados.

**Palavras-chave:** Pandemia Covid-19; mídia jornalística digital; discurso governista; saúde pública e discurso.

**Abstract:** Covid-19 was considered by the WHO to be the biggest public health problem in the world today, having caused more than five million deaths by 2022. The media rushed incessantly to spread the news and update the numerical data. Thus, this study aims to discursively analyze the records of the 100,000 deaths from Covid-19 in Brazil. For the *corpus*, we collected six news clippings from the websites G1, Uol, EBC and Ministry of Health. The analysis shows a dispute and division of meanings between the journalistic discourse – which especially highlights the deaths, and the government discourse, which highlights the number of recoveries.

**Keywords:** Covid-19 pandemic; digital journalistic media; government discourse; public health and discourse.

## Introdução

Quando em 08 de agosto de 2020 o Brasil atingiu a marca oficial dos 100 mil mortos por Covid-19, as manchetes de todos os jornais estamparam o assunto em cores de luto, geralmente um monocromático variando entre o cinza e o preto, outros ilustraram com fotografias de cemitérios, ou apenas letras garrafais que diziam “100 mil vidas perdidas” sobre o estado

<sup>1</sup> Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e graduada em Comunicação Social com habilitação Jornalismo pela UESB. É jornalista da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista.

<sup>2</sup> Doutora e mestra em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). É professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB.

---

calamitoso em que se encontrava o país naquele momento.

Mas antes do alcance deste número é preciso uma pequena retrospectiva dos acontecimentos para o entendimento da tragédia humana que se abateu sobre o mundo naquele ano. A Covid-19 foi considerada pela OMS como o maior problema de saúde pública do mundo do século XXI. Desde o primeiro caso, confirmado em janeiro 2020, na China, o mundo não para de contabilizar perdas de vidas para a enfermidade; em janeiro de 2022, já registrava-se mais de cinco milhões de mortos.

No Brasil, o primeiro caso foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, a primeira morte em 12 de março e em 08 de agosto de 2020, já eram mais de 100 mil mortos pela doença. A contagem numérica de novos casos recuperados e mortos pela doença foi amplamente divulgada, com boletins produzidos pelos órgãos oficiais e da imprensa, com páginas da internet exclusivas para divulgação. Nesse cenário, os **sites da imprensa** destacavam o **número das mortes**, enquanto o **Ministério da Saúde (MS)** destacava o **número dos recuperados**. Por tanto, a pandemia configura-se não apenas como acontecimento histórico e acontecimento jornalístico, mas também um acontecimento discursivo.

Orlandi (2021) considera a pandemia de Covid-19 como um acontecimento discursivo, pois dominou toda a discursividade naquele período e produziu a metaforização acerca de tudo que era dito sobre a doença. Assim, neste estudo, objetivamos analisar o jogo metafórico desse acontecimento, com foco específico no funcionamento dos discursos sobre o número de mortos e de recuperados, vítimas da Covid-19, nas/em redes digitais.

Para esta análise, nos respaldamos nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD) de filiação pecheuxiana, que trabalha o discurso como efeito de sentido entre interlocutores. Nessa ótica, os sentidos são determinados ideologicamente e são afetados pelas condições de produção do discurso, em uma conjuntura dada, em uma formação social marcada por contradições nas relações de classes. Segundo Pêcheux (1969), o discurso é sempre afetado pelas relações de sentido, pois, um discurso sempre remete a outros discursos, frente ao qual é uma resposta indireta; “Em outros termos, o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio” (Pêcheux, 1969 [2014], p.76).

Conforme Pêcheux e Fuchs (1975 [2014]), a ideologia se materializa no discurso e este se materializa na língua, assim, o processo discursivo é um dos aspectos da materialidade ideológica. Ainda segundo Pêcheux, a formação social capitalista comporta as formações ideológicas que abrigam as formações discursivas que determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição e de uma conjuntura dada, “isto é, numa certa relação de lugares no interior de aparelhos ideológicos, e inscrita numa relação de classe. Diremos, então, que toda formação discursiva deriva de condições de produção específicas, identificáveis” (Pêcheux,

Fuchs1975 [2014], p.164).

Assim, na AD materialista os sentidos sempre podem ser outros, segundo Pêcheux (1988), por isso, é preciso compreender que o sentido de uma palavra, de uma expressão, não existe em si mesmo, ou seja, não existe na relação de transparência literal, “as palavras, expressões, proposições etc, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas” (Pêcheux, 1988 [2014], p.147).

Outra importante noção teórica para a nossa análise é o acontecimento discursivo. Segundo Pêcheux (1983 [2015]), o acontecimento é o ponto de encontro entre a memória e sua atualidade, ou seja, o acontecimento convoca e reorganiza um espaço de memória, e assim pode produzir um confronto discursivo de formulações na discursivização do mesmo fato, com diferentes significações. E assim, funciona também nesse processo, o político no discurso, que segundo Orlandi, é a divisão de sentidos, ou seja, “o político compreendido discursivamente significa que o sentido é sempre dividido, sendo que esta divisão tem uma direção que não é indiferente às injunções das relações de força que derivam da forma da sociedade na história” (Orlandi, 1998, p.74).

A pandemia é um acontecimento histórico, mas é importante destacar que não se pode confundir o acontecimento discursivo com o histórico. Segundo Le Goff (1990), o acontecimento histórico ou fato histórico é resultado da construção do historiador e explica: “o fato não é em história a base essencial de objetividade ao mesmo tempo porque os fatos históricos são fabricados e não dados e porque, em história, a objetividade não é a pura submissão aos fatos” (Le Goff, 1990, p.32).

A circulação-confronto do acontecimento discursivo da pandemia funcionou sob as condições de produção do discurso digital, que se sustenta pela própria circulação (Dias, 2018). Segundo Dias (2018), na mídia digital, deve-se considerar dois aspectos da formulação e da circulação, a maneira como circula e o meio em que certos dizeres vão circular, sendo este também determinante de sua formulação. Neste processo de circulação-confronto, consideramos a opacidade dos sentidos e o funcionamento contínuo da ideologia e da memória no espaço/tempo da web (Cortes, 2018).

O *corpus*<sup>3</sup> foi composto por seis sequências discursivas (SDs), constituídas a partir de recortes de notícias publicadas em 08/08/2020, nos sites G1, Uol e EBC, além do site do Ministério da Saúde, com os registros dos 100 mil mortos pela Covid-19, no Brasil. As SDs foram organizadas em dois blocos de recortes, a saber, discursos da Mídia Jornalística, Discurso

<sup>3</sup> Segundo Pêcheux (1982) o corpus na AD se define “como uma ou múltiplas partes de textos selecionados a partir de um campo de arquivos reunidos em função do sistema de hipóteses elaborado por uma dada pesquisa” (Pêcheux, 1982 [2015], p.166).

---

da Mídia Governista.

Passemos aos nossos gestos de análise.

## **Vidas Perdidas: Discurso da Mídia Jornalística Digital sobre o marco de 100 mil mortos por Covid-19**

Desde a primeira notícia sobre a Covid-19 divulgada pela OMS, os números estiveram presentes, mediante a contagem com os dados estatísticos de doentes, recuperados e mortos. Houve uma corrida para alimentar os dados para divulgação entre os cientistas, a imprensa e a população. Números que pareciam óbvios, pelo efeito da transparência da linguagem, foram explicados por infectologistas e estatísticos que foram convocados para explicitar os dados epidemiológicos e criar projeções dos dados futuros, orientando organizações e governos em todo o mundo.

A estatística e seus dados matemáticos se filiam ao universo dos discursos logicamente estabilizados (Pêcheux, 1988). Tal funcionamento discursivo interno, segundo Pêcheux (1988) regula a interpretação – trabalha com o verdadeiro ou falso – não cabendo perguntas, pois supõe-se que todo sujeito falante sabe do que fala, “porque todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação: essas propriedades se inscrevem, transparentemente, em uma descrição adequada do universo (tal que o universo é tomado discursivamente nestes espaços)” (Pêcheux, 2015[1988], p.31).

Mas, o efeito da transparência dos espaços logicamente estabilizados não escapa do equívoco, assim o discurso estatístico, como ciência exata, também é atravessado por termos como lei, ordem, rigor, que o cobrem, segundo Pêcheux (1988) como um patchwork heteroclito. A estatística, segundo Feijó e Valente (2005), é uma observação quantitativa sobre a realidade; as informações produzidas pelos estatísticos são reguladas por um modelo conceitual, por meio do qual a realidade é filtrada. “Portanto, todo levantamento de dados pressupõe uma codificação prévia (implícita ou explícita), ou seja, uma classificação (ou nomenclatura), que produz o esquema por meio do qual a realidade é percebida e quantificada” (Feijó, Valente, 2005, p.11).

Segundo Oliveira (2020) o fenômeno das estatísticas surgiu a partir do século 19, com o status de ferramenta de objetividade e imparcialidade para o estudo e análise de questões da vida pública, objetividade por facilitar a leitura de questões complexas e imparcial porque os números são neutros e não obedecem a interesses individuais. Porém, na perspectiva da AD não há objetividade, nem neutralidade, o que existe são os efeitos de objetividade e de neutralidade. Ainda segundo Oliveira (2020), a estatística é uma metodologia científica de representação e interpretação de questões sociais, “as estatísticas funcionam como tecnologias de

governo, ao passo que permitem a elaboração de políticas públicas e intervenções em situações problemáticas, tal como a pandemia do novo coronavírus” (Oliveira, 2020, p.3).

Segundo Dias (2020), com a pandemia nos habituamos a contar os números de mortos, mas este hábito de contar os números e fazer cálculos já têm feito parte do nosso cotidiano há muito tempo. “Textualizada pelos dados [...] tomam a forma de dados algoritmizados, cujos sentidos se produzem a partir de formações algorítmicas (Ferragut, 2018), pelas quais a ideologia da técnica trabalha para delimitar as fronteiras dos sentidos daquilo que pode e deve ser dito” (Dias, 2020, p.79).

Assim, os dados estatísticos materializam a circulação confronto dos discursos sobre a pandemia, sendo esta já definida como acontecimento discursivo por Orlandi (2021). Cabe ressaltar que, nesse processo discursivo, temos também o funcionamento do acontecimento jornalístico, como defende Dela-Silva (2016). Segundo a autora, o acontecimento jornalístico é uma prática discursiva que produz efeitos de sentidos para e por sujeitos a partir das condições de produção da prática midiática, “uma vez que ao ser formulado promove gestos de interpretações que atualizam e retomam sentidos em curso em um dado momento histórico” (Dela-Silva, 2016, p.263).

Desse modo, os dados numéricos ocuparam as capas dos jornais diariamente, além das projeções que atualizavam a situação da pandemia, pontuando cada marco: mil, 100 mil, 200 mil mortos, etc, a mídia foi produzindo publicações especiais, como veremos nas sequências discursivas (SDs) 1 e 2.

SD1- Notícia publicada no site UOL:



Figura 1. Fonte: <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/brasil-tem-100-mil-mortes-para-covid-especialistas-temem-efeito-bumerangue/#cover>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2022

SD2- Notícia publicada no site G1:



Figura 2. Fonte: [https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/2020/100-mil-mortes-covid19/?&ga=2.93476573.1937938728.1645664092-6034ad5d-54ee-f596-4ce1-1146d222dc09#/. Acesso em: 23 de fev. de 2022](https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/2020/100-mil-mortes-covid19/?&ga=2.93476573.1937938728.1645664092-6034ad5d-54ee-f596-4ce1-1146d222dc09#/)

As SD1 e SD2 são compostas por *prints* das capas das edições especiais dos sites g1 e Uol, publicadas do dia 08 de agosto de 2020, data em que, segundo o boletim do Ministério da Saúde, o Brasil atingiu 100 mil mortes por Covid-19. O discurso nos dois veículos de imprensa da mídia digital foi inscrito em uma chamada na primeira página dos portais, levando o leitor, após o clique na imagem, a uma seção com matéria especial completa com opinião de especialista,

retrospectiva da pandemia, depoimentos de familiares das vítimas e infográficos, para mostrar a evolução da doença e detalhes dos dados epidemiológicos, como regiões mais atingidas, faixa etária, raça, etc. As duas publicações não disponibilizaram espaço para comentários dos leitores.

Na SD1, o marco é discursivizado com uma fotografia<sup>4</sup> em plano aberto de um cemitério com cruzes nas cores branco e azul, no título da matéria: “**100 mil vidas perdidas**” e no subtítulo: “**Em 5 meses, esse é o total de mortos pela covid; especialistas temem efeito ‘bumerangue’ que antecipe 200 mil**”.

Na SD2 o marco também traz em seu título as vidas perdidas: “**100 mil vidas perdidas na pandemia**”, inscrito em letras grandes com um fundo cinza, já no subtítulo: “**Menos de 150 dias após a primeira morte por Covid-19, o Brasil chegou neste sábado (8) a 100 mil vítimas. Saiba quem são os mais atingidos e entenda como a doença, que começou nos grandes centros, se espalhou por cidades menores. Já foram registradas mortes em 3.692 dos 5.570 municípios, ou 66% do total**”.

As SDs 1 e 2 funcionam em relação parafrástica, já que em ambas as publicações temos a substituição metafórica de mortes por “vidas perdidas”. A metáfora é um efeito do acontecimento discursivo da pandemia (Orlandi, 2021). Assim, o destaque da palavra “vidas” para noticiar a “morte”, nos dois veículos, não é uma coincidência, pois os dois faziam parte do Consórcio de Veículos de Imprensa.

Neste caso, a substituição metafórica de mortes por vidas – palavras de sentidos antagônicos; a palavra morte carrega uma memória de fatalidade, sendo o destino de todo ser humano. No discurso jornalístico a mudança do termo instaura um jogo metafórico, com efeito de denúncia pela negligência do poder público, por uma fatalidade que talvez pudesse ser evitada, pois ainda na capa apresentada nas duas SDs a “morte” foi discursivizada na fotografia com cruzes e no *layout* cinza, com destaque no subtítulo explicativo com a palavra “morte” inscrita de forma direta, e nos dois casos a metáfora “vidas perdidas” aparece como uma perturbação. Na perspectiva da teoria discursiva materialista, a perturbação pode tomar a forma de efeito poético, uma metonímia, um discurso-transverso, “relação da parte com o todo, da causa com o efeito, do sintoma com o que ele designa etc.” (Pêcheux, [1988] 2014, p.153).

Ainda na capa, na SD1, o discurso jornalístico, atravessado pelo discurso estatístico, produz um efeito de antecipação dos 200 mil mortos no subtítulo, “**especialistas temem efeito ‘bumerangue’ que antecipe 200 mil mortos**”; verificamos, portanto, sentidos de projeção para alertar a população de que a pandemia não estava sob controle, mas ainda demandava muitas ações de prevenção por parte das autoridades, como também por parte da população, que deveria seguir rigorosamente as orientações de higiene sanitária, como lavar as mãos, uso

<sup>4</sup> Fotografia do Cemitério Público de Manaus feita pela fotógrafa Lidianne Andrade, do Estadão Conteúdo.

---

de álcool em gel e utilização de máscaras. Para além das substituições, o discurso jornalístico das SDs não poupa os números em suas capas, com destaques que enfatizam o período curto de tempo entre a primeira morte e os 100 mil mortos e também com o número de cidades em que ocorreram as mortes, marcando o acontecimento histórico da pandemia pela quantidade.

Nas SDs 1 e 2, o discurso jornalístico, na tentativa de produzir efeitos da veracidade e alerta, pelo efeito de exatidão do discurso numérico estatístico, apontava para a gravidade da situação. Para Oliveira (2020), muitos problemas sociais só se tornam conhecidos quando há números que apontam para sua existência e impacto na população. Os números são determinantes para produzirem o efeito de verdade do discurso jornalístico. Assim, o discurso jornalístico mobiliza os dados numéricos e estatísticos para produzir efeito de credibilidade junto à população. O efeito de neutralidade e imparcialidade se filia à memória do discurso jornalístico, mas não consideramos a linguagem em sua transparência, uma vez que todo discurso é sempre opaco:

A estatística garante ao jornalista a possibilidade de adentrar em um discurso pronto (ou a negação dele) e, com base em dados estatísticos produzidos de forma nem sempre clara, reforçar uma narrativa qualquer sem perder a suposta neutralidade profissional. É possível, então, vender produtos e ideias sob a tutela de um novo assunto ou um novo conceito” (Medeiros *et. al.*, 2015, p.142)

Importante observar a substituição metafórica nas publicações apresentadas, em relação ao período de tempo das mortes causadas pela pandemia, a saber, na SD1 foi usado o termo “**em 5 meses**” e na SD2 a expressão “**menos de 150 dias**”. Temos aí um deslizamento de sentidos na substituição de “5 meses” por “150 dias”, sendo este um curto espaço de tempo, que impacta o leitor de forma diferente, pois, quando se conta em meses, há uma ilusão de distanciamento, ao contrário do tempo contado em dias. Embora se trate do mesmo período, temos efeitos de impactos distintos.

E a metaforização da pandemia – especialmente acerca dos números da Covid-19 – prossegue com a circulação-confronto de formulações do discurso governista, inscrito em publicações do site do Ministério da Saúde e no portal da EBC (Figuras 3 e 4).

Recuperados: o discurso da mídia governista sobre os números da covid-19.

Segundo Pêcheux (1988), nos espaços logicamente estabilizados o sujeito pragmático, que fala, tem por si mesmo uma necessidade dominante de homogeneidade lógica, de organização, de gestão cotidiana de sua vida por meio de sistemas. Neste espaço, segundo o autor, há uma mistura de processos técnicos e decisões morais, “toda conversa é suscetível de colocar em jogo uma bipolarização lógica das proposições enunciáveis com, de vez em quando, o sentimento insidioso de uma simplificação únivoca, eventualmente mortal para si mesmo e/ou para os outros” (Pêcheux, 2015 [1988], p.34).

Assim, vejamos o funcionamento desse discurso logicamente estabilizado nas SDs 3, 4, 5 e 6.

SD3- Ministério da Saúde:

The screenshot shows a news article from the Ministry of Health's website. The header reads "Covid-19: Brasil registra 2.094.293 recuperados". The text discusses the number of recoveries in Brazil, stating it is higher than the number of active cases. It also mentions the total number of people diagnosed with COVID-19 worldwide. The article is dated August 8, 2020, at 22h00. Below the article, there is a social sharing section with icons for Facebook, Twitter, and others.

Figura 3: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/informes-diarios-covid-19/covid-19-brasil-registra-2-094-293-recuperados>. Acesso em 01 de março de 2022

Na SD3 temos o print dos sites do Ministério da Saúde (MS) de trecho da matéria publicada no dia 08 de agosto de 2020, que se filia ao discurso governista, com o título da matéria em destaque: “**Covid-19: Brasil registra 2.094.293 recuperados**” e no subtítulo: “Número é superior à quantidade de casos ativos, ou seja, pessoas que estão em acompanhamento médico”.

Na SD3, assim como nas SD1 e SD2, o discurso governista também é estruturado pela quantidade, mas ao contrário das SDs anteriores, não destaca as mortes e sim o número de recuperados inscritos na forma numérica. Ao não destacar os números de mortos, justamente no dia em que se chegou às 100 mil mortes, o discurso governista produz um efeito de invisibilidade ao maior problema causado pela pandemia que é a mortalidade. Ao se posicionar de maneira contrária ao discurso jornalístico divulgado na imprensa empresarial, que destacou o número de mortos (SDs 1 e 2), o discurso governista assume a posição-sujeito de minimizar o luto dos familiares para divulgar a quantidade significativa daqueles que se recuperaram da doença, uma tentativa também de produzir um efeito de normalidade, de proporcionar o esquecimento da letalidade da doença, pacificando os corações daqueles que gostariam de voltar ao normal, sem pensar nas consequências mortais que o retorno às atividades presenciais poderiam ocasionar. Neste discurso também é silenciado o fato de que os recuperados podem apresentar sequelas causadas pela exposição ao vírus, ou seja, nem todos se recuperaram totalmente; assim, temos

---

muitos não ditos no discurso, pois este silencia parte das informações.

Vemos, portanto, o discurso estatístico a serviço tanto da FD governista, como também da FD jornalística. Na FD governista, os dados numéricos produzem efeitos efeito de normalidade, de cura, como vemos na SD3: “**O número de pessoas curadas no Brasil é superior à quantidade de casos ativos (817.642)**” e em outro trecho do mesmo parágrafo continua, “**O registro de pessoas curadas já representa mais da metade do total de casos acumulados (69,5%)**”, aqui a repetição dos termos “recuperadas” e “curadas” em um único trecho, produz efeito de vitória sobre a doença, não importando quantas vidas foram sacrificados, neste cenário que lembra muito uma situação de guerra, na qual não há reais vencedores, pois mesmo os recuperados tiveram algum tipo de perda, sofreram com os danos emocionais do confinamento ou da perda de algum ente querido, além das sequelas deixadas pela doença.

Segundo Pêcheux ([1988] 2014), as palavras recebem os sentidos das posições ideológicas dos que as empregam. O discurso da SD29 filiado à FD governista silencia as mortes, quando se diz “x” para não dizer “y”. Logo, “é o não dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma ‘outra’ formação discursiva, uma ‘outra’ região de sentidos” (Orlandi, 2007, p. 74). Neste caso, atravessado pelo discurso estatístico, o discurso governista reforça sentidos de que o governo estava trabalhando para o combate à pandemia, mas apaga os sentidos de negligência, que culminou com os 100 mil mortos em cinco meses de pandemia.

Se dividíssemos o número de mortos por 150 dias, chegaríamos ao número médio de 667 mortes por dia. Mas a conta não é feita assim, pois o boletim mostra o número de mortos registrados no site por Covid em dias anteriores, como explica o Ministério da Saúde na SD4 que foi composta a partir de um trecho de matéria publicada no site no dia 08 de agosto de 2020.

SD4-Em relação aos óbitos, o Brasil possui 100.477 mortes por coronavírus. Nas últimas 24h, foram registradas 905 mortes nos sistemas oficiais, a maior parte aconteceu em outros períodos, mas tiveram conclusão das investigações com confirmações das causas por Covid-19 apenas neste período. Assim, 391 óbitos, de fato, ocorreram nos últimos três dias. Outros 3.450 seguem em investigação.

Ademais, o discurso governista (MS), para produzir um efeito de tranquilidade diante da alta mortalidade publica a seguinte a seguinte nota no dia 08/08/2020 apresentada na SD5 os dados estatísticos de forma comparativa:

SD5-Até o dia 02 de agosto, o Brasil ocupava a segunda posição em relação ao número de casos (2.707.877) e ao registro de óbitos (93.563). Contudo, quando considerado o parâmetro populacional, por milhão de habitantes, entre os países de todo o mundo, o Brasil ocupa a 9ª posição em relação aos casos (12.885) confirmados e a 10ª em relação aos óbitos (445). A medida populacional é a taxa padrão para comparações entre os países.

Ao se posicionar de maneira contrária (SD 3, 4 e 5) ao discurso jornalístico divulgado na grande mídia, que destacou o número de mortos (SDs 1 e 2), o discurso governista assume a posição-sujeito de minimizar o luto dos familiares para divulgar a quantidade significativa daqueles que se recuperaram da doença, uma tentativa também de produzir um efeito de normalidade, de proporcionar o esquecimento da letalidade da doença, pacificando os corações daqueles que gostariam de voltar ao normal, sem pensar nas consequências mortais que o retorno às atividades presenciais poderiam ocasionar.

Neste discurso também é silenciado o fato de que os recuperados podem apresentar sequelas causadas pela exposição ao vírus, ou seja, nem todos se recuperaram totalmente; assim, temos muitos não ditos no discurso, porquanto este silencia parte das informações.

Caracterizado por sua incompletude, o sujeito do discurso pode ser compreendido pelo trabalho do silêncio. Nessa relação sujeito x silêncio, o sujeito tende a ser completo. Segundo Orlandi (2007), o silêncio ao trabalhar sua relação com as diferentes formações discursivas faz funcionar a contradição discursiva do sujeito. “Dessa contradição, inerente à noção de sujeito (e de sentido), resulta uma relação particularmente dinâmica entre identidade e alteridade: um movimento ambíguo que distingue (separa) e ao mesmo tempo integra (liga), demarcando o sujeito em sua relação com o outro” (Orlandi, 2007, p. 78). Essa contradição é analisada na próxima SD.

## SD6- EBC

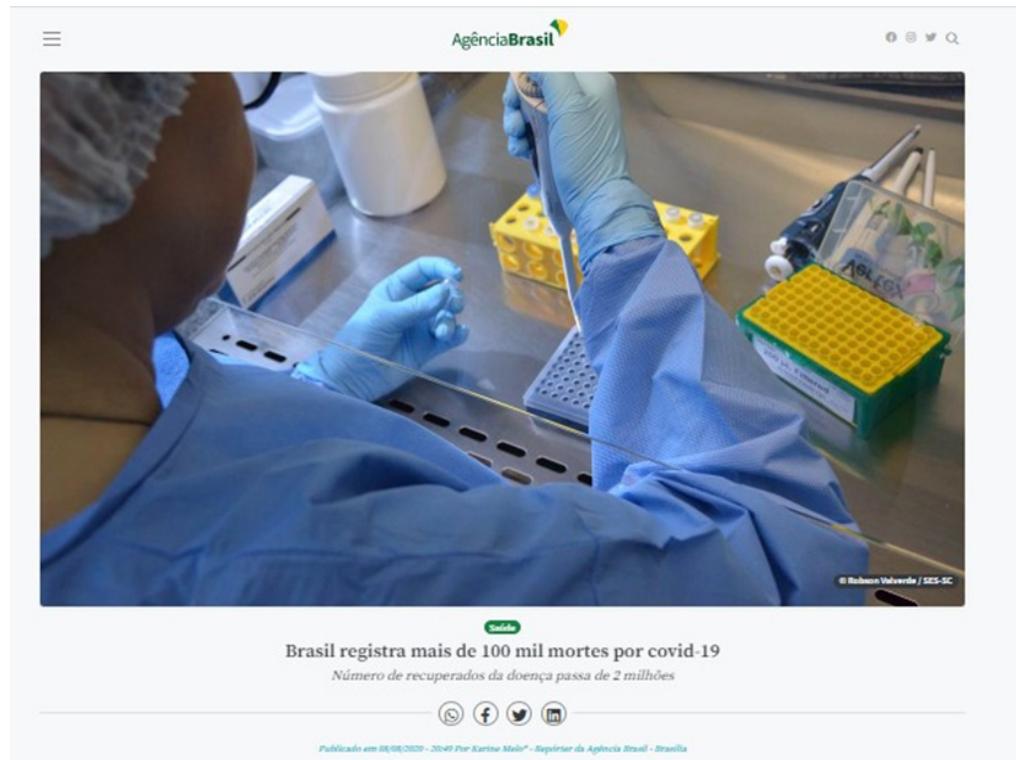


Figura 4: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-08/brasil-registra-mais-de-100-mil-mortes-por-covid-19>. Acesso: 01 de março de 2022

Já na SD6, que é composta por um *print* da publicação da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC)<sup>5</sup> do dia 08 de agosto de 2020, com destaque da fotografia de um técnico no laboratório que chama atenção pelas cores verde, amarelo, azul e branco com o seguinte título: “**Brasil registra mais de 100 mil mortes por covid-19**” e no subtítulo: “Número de recuperados da doença ultrapassa 2 milhões”. O discurso da EBC funciona com outra posição-sujeito, embora se trate de uma empresa pública do Governo Federal, ao notificar em sua página o número de mortes, já em seu título, destaca os recuperados em letras menores em seu subtítulo como apresentado na SD; este deslizamento de sentidos é o que a Indursky (2008) define como heterogeneidade da forma-sujeito da FD, que conduz o sujeito a uma contra-identificação na relação com uma dada FD. Nas palavras da autora:

Ela passa a ser dotada de fronteiras suficientemente porosas, que permitem que saberes provenientes de outro lugar, de outra FD nela penetrem, ai introduzindo o diferente e/ ou o divergente, que fazem com que este domínio de saber se torne heterogêneo em

<sup>5</sup> A EBC apesar de ser mantida financeiramente pelo Governo Federal ocupa uma posição-sujeito distinta; a EBC tem como missão: “Criar e difundir conteúdos que contribuam para o desenvolvimento da consciência crítica das pessoas.” (EBC, 2012)

relação a ele mesmo. Ou seja: mais uma vez percebemos que a natureza da forma sujeito determina a da Formação Discursiva e vice-versa. (Indursky, 2008, p.14).

Deste modo, na SD6 funciona uma posição-sujeito não dominante no discurso governista, como obervamos na SD3; temos aqui um deslocamento de sentido no discurso governista, que traz na fotografia a representação de um trabalhador em um laboratório de análise clínica, com detalhes nas cores do Brasil, produzindo um efeito de que o Ministério da Saúde está trabalhando.

Assim, o discurso governista na publicação da EBC destaca as mortes no título, mas traz o destaque para o número dos curados já no subtítulo, destoando das SD1 e SD2, nas quais não há referência às vidas recuperadas, mas às vidas perdidas.

A formulação do subtítulo da SD6 “**Número de recuperados da doença passa de 2 milhões**” do discurso governista, instaura uma disputa de sentidos com o discurso jornalístico, pois, como vimos, a mídia jornalística escolhe dar relevo ao número de mortos e não menciona o número de recuperados. E, assim, dá-se uma circulação massiva de formulações-confronto no acontecimento discursivo da pandemia no Brasil e no mundo: o primeiro caso, a primeira morte, a primeira vacina, o primeiro (a) vacinado (a), sem contar as inúmeras medidas sanitárias que mobilizaram discursos favoráveis e contrários na internet.

Em todas as publicações, notamos o efeito da transparência da linguagem a funcionar nas discursividades que trabalham o acontecimento, sobretudo pela necessidade de comprovação dos dados estatísticos. Segundo Pêcheux (1983), o acontecimento é perfeitamente transparente – com dados comprovados por dados estatístico, tabelas, cifras, etc – mas é um discurso profundamente opaco, pois, “a novidade, não tira a opacidade do acontecimento, inscrita no jogo oblíquo de suas denominações [...]” (Pêcheux, 1983, [2015], p.20). A dor do luto das famílias, por exemplo, não pode ser medido pela estatística, nem tampouco, as sequelas da doença – sejam elas físicas e emocionais, as perdas financeiras, entre outros danos. No entanto, foi possível observar nesse processo discursivo, o jogo de interesses e disputa pelo poder, em meio a um quadro de dor indescritível que permeou toda a sociedade.

A escolha por destacar os recuperados (SD3) com maior ênfase também mostra as determinações da formação ideológica (FI) neoliberal na FD governista; temos, então, um efeito de sentido de atenuação da gravidade da pandemia, do medo e pavor da população, pelos números positivos, em meio a uma tragédia. Dessa forma, o discurso governista, além de minimizar a gravidade da doença e estimular o retorno precoce às atividades econômicas, mesmo com 100 mil mortos, demonstrou descaso com o luto massivo do país.

O discurso governista, portanto, filiado à FI neoliberal, busca justificar o total de mortos, por meio da comparação com dados de outros países, e não por questões de escolhas

---

por certas políticas de enfrentamento à pandemia. Novamente, aqui, vimos o que discurso governista é afetado pelo discurso logicamente estabilizado da estatística, com efeito de perfeita transparência, mediante taxas e números bem calculados. Em consonância com Cabral (2021), a opção do governo pelo falso dilema entre vida x economia o levou a uma escolha equivocada pela economia, sem mensurar o valor real das vidas perdidas.

Falso, dentro da própria racionalidade econômica, e ignorando questões morais em relação ao valor incalculável da vida. Trazidos a valor presente, os anos abreviados dos indivíduos que morreram por conta da exposição ao vírus perfazem um valor infinitamente superior aos custos econômicos de uma interrupção das atividades (Cabral, 2021, p. 28).

É o falso dilema da FI Neoliberal, que coloca em disputa vidas versus economia, em defesa do capital em detrimento da vida humana e, assim, a ideologia neoliberal determina o que pode e deve ser dito pela FD governista, que silencia a gravidade das perdas humanas (SD3), pois, o dito “**dois milhões de recuperados**” produz efeito de apagamento no número de mortos; já na SD6, embora haja um deslizamento de sentidos pela menção ao número de mortos, há efeito de atenuação da gravidade da pandemia no discurso governista, pela escolha de não enfatizar o número dos 100 mil mortos, conforme dados estatísticos divulgados. Ao comparar a situação do Brasil com a de outros países, o discurso enfatizou um olhar positivo para um momento grave e sem precedentes, quando não cabia justificativas, naquele momento, e muito menos comparações.

## Efeitos de conclusão

O acontecimento discursivo da pandemia Covid-19 produziu o político no discurso – pois instaurou uma divisão e uma disputa de sentidos entre o discurso jornalístico e o discurso governista sobre os dados divulgados. Ou seja, o acontecimento instaurou a circulação confronto de formulações sobre a pandemia, com distintos efeitos de sentidos, com uma forte metaforização de sentidos, sobretudo quando foi atingido o marco dos 100 mil mortos, no Brasil. Na arena digital, a circulação move o acontecimento discursivo em confronto incessante, a exemplo da discursivização desse marco triste que trouxe tanta dor.

Na mídia jornalística, houve editorias dos dois websites (UOL e G1) com matérias especiais que buscavam explicar, por meio de entrevistas com especialistas, gráficos com projeções, depoimentos de familiares e amigos de vítimas da Covid-19, porque o Brasil alcançou tal número. Já na mídia oficial, o discurso governista, através do site do Ministério da Saúde (MS) optou pelo destaque das vidas recuperadas, divulgando dados nas manchetes - 2 milhões

de recuperados -, em contraponto com as mortes divulgadas na mídia empresarial.

Segundo Oliveira (2020) as estatísticas cumprem a função de tornar conhecidas as várias faces locais da pandemia e possibilitam a atuação de estados e municípios de forma eficiente e rápida na distribuição de recursos e no socorro à população. Neste caso, tratar os números, organizá-los para o interesse governista não resolveu os problemas causados pela Covid-19. Anunciar recuperados e omitir os mortos não modificou a realidade, mas apenas, impediu a justificativa para tantos óbitos em tão pouco tempo e também não evitou que mais mortes continuassem acontecendo e que o sofrimento fosse evitado.

Sob as condições de produção do discurso digital, o acontecimento da pandemia Covid-19 faz circular diversos discursos com sentidos e posições-sujeito distintas para o mesmo assunto, apesar de remeterem ao mesmo fato. Desse modo, as SDs analisadas não constroem as mesmas significações, mas prosseguirá em um confronto discursivo. No discurso jornalístico, o foco é a morte, enquanto no discurso governista, o foco é a vida, mesmo quando houve tantas mortes; portanto, funciona o efeito de omissão e apagamento das mortes, ao destacar, no discurso, o número de recuperados, quando se atinge o número de 100 mil mortos por Covid-19, no Brasil. Assim, o acontecimento discursivo da pandemia, inscrito nas FDs jornalística e governista produziu uma disputa de sentidos entre a vida e a morte.

Essa disputa de sentidos produziu efeito de dúvida, medo, angustia, ansiedade, quando deveria produzir o efeito de conforto e certeza no amanhã. Essa disputa também produziu o efeito de distração e negligência com aquilo que deveria ser o único objeto de discussão, a proteção da vida. Nesse processo discursivo, percebemos ainda que os discursos jornalístico e governista foram atravessados pelo discurso político, em um jogo de relações de poder, logicamente respaldado pelos dados transparentes mas perfeitamente opacos da estatística, com o funcionamento de posições-sujeito ora favorável à vida, ora favorável à economia. No entanto, o equívoco deixa escapar sentidos de que, nesse jogo, todos saíram perdedores, enlutados e traumatizados diante do caos instalado.

## Referências

BRASIL. Empresa Brasileira de Comunicação. **Missão, Visão e Valores**. Disponível em: <https://www.ebc.com.br/sobre-a-ebc/o-que-e-a-ebc/2012/09/missao-visao-valores>. Acesso em: 12 set. 2021.

CABRAL, Sandro. Sobre o falso dilema preservar vidas versus preservar empregos. In: **Posicionamento e reflexões da Universidade Federal da Bahia e dos professores de sua Escola de Administração (EAUFBA)**. Relatório de 15 de março de 2021, Salvador-Ba. Disponível em: <https://www.edgardigital.ufba.br/wp-content/uploads/2021/04/>

---

Relato%CC%81rio-UFBA-Final1-2.pdf#page=17.08. Acesso em: Acesso em 12 set. 2021.

CORTES, Gerenice Ribeiro Oliveira. Da interação à interlocução discursiva: a subjetivação do leitor em comentários de blogs de divulgação científica. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 40, e33717, 2018. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/acta>. Acesso em: Acesso em 12 set. 2021.

DIAS, Cristiane. **Análise do Discurso Digital: Sujeito, Espaço, Memória e Arquivo.** Campinas: Pontes. 1a ed., 2018.

DIAS, Cristiane. **A vida em números: sentidos do discurso digital na Pandemia de Coronavírus. O não-sentido como espaço de (r)existências:** processos de subjetivação na pandemia/ Fernanda Correa Silveira Galli; Jacob dos Santos Biziak; Mónica Graciela ZoppiFontana [Orgs]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020

FEIJÓ, Carmem.; VALENTE, Elvio. **As estatísticas oficiais e o interesse público.** Bahia Análise & Dados, Salvador, v. 15, n. 1, p. 43-54, jun. 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão [et. al.]. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1996.

MEDEIROS, Hugo Augusto Vasconcelos; MELLO NETO, Ruy de Deus e; CATANI, Afrânio Mendes. **Saber estatístico e discurso estatístico:** o não-dito e o clichê. *Crítica Educativa* (Sorocaba/SP), v..1, n.1, p. 133-146, jan./jun. 2015.

OLIVEIRA, Thayane Lopes. **Especial Covid-19:** Quando as doenças viram números: as estatísticas da Covid-19. Disponível em: [coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1809-especial-covid-19-quando-as-doencas-viram-numeros-as-estatisticas-da-covid-19.html?tmpl=c...](http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1809-especial-covid-19-quando-as-doencas-viram-numeros-as-estatisticas-da-covid-19.html?tmpl=c...) Acesso em 12 set. 2021

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso e Argumentação: um observatório do político. **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, n. 1, p. 73-81, jul.-dez. 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia.** Conferência apresentada por Eni Puccinelli Orlandi [s.l., s.n], 2020. 1 vídeo (1h 55min 08s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística.

PECHÉUX, Michel. Análise automática do discurso: (AAD-69). In: GADET, F; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas-

SP: Ed. Unicamp, 2014.

PECHÉUX, Michel. **O Discurso:** estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, [1983]2015.

WHO. World Health Organization. **Disease outbreak news – China.** Disponível em: <https://www.who.int/es/emergencies/diseases-outbreak-news/item/2020-DON229>. Acesso em 12 set. 2021.